

## POR QUE INVESTIGAR AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES E LAZER ?

Deborah Thomé Sayão<sup>1</sup>

Confesso que a proposta de elaborar um esforço no intuito de responder a pergunta colocada por esta revista é tarefa nada fácil. Faço essa afirmação porque há uma importante e complexa questão colocada através da pergunta: *por que estudar gênero?* Ela está, ainda, nessa proposta, desmembrada em campos: *Educação Física, esportes e lazer* que, apesar de apresentarem alguns aspectos que se correlacionam, também comportam suas especificidades, características e complexidades configurando história e políticas próprias.

Na tentativa de dar conta da proposta, primeiramente, tentarei deixar claro porque considero que "gênero" se constitui numa categoria fundamental nas pesquisas e nas práticas corporais em quaisquer dos três campos acima destacados. Vale pensar desde o gênero do pesquisador ou pesquisadora<sup>2</sup> que pode interferir nos resultados obtidos nas investigações realizadas e nas ações implementadas, até o gênero como categoria de análise articulada a outras como raça/etnia; classe e geração.

Para começar a pensar tal tema, é necessário desmistificar "falsas dicotomias" incorporadas em nosso imaginário ocidental, tais como: masculino/feminino; natureza/cultura; público/privado; razão/emoção; corpo/mente; atividade/passividade que são também dualismos bastante introjetados no âmbito da Educação Física, Esportes e Lazer. Nesse sentido, não há nada de novo, pois alguns estudos, no Brasil e no exterior, já vêm apontando esses elementos, desde os anos 80. Talvez a novidade possível de ser discutida com o texto, seja a criação de ferramentas teórico-metodológicas que nos possibilitem refletir criticamente, a partir da pesquisa e do pensamento sistematizado, acerca das práticas corporais ou, como alguns modelos e teorias vigentes elaboram discursos sobre as feminilidades e as masculinidades tornando-os verdades inquestionáveis em praticamente todos os campos científicos definindo e re-definindo as práticas sociais.

Afirma Thomas Laqueur (2001) que a ciência não somente investiga, mas, através de suas descobertas, ela também produz as diferenças entre o masculino e o feminino. A religião católica e sua inserção no mundo ocidental, da mesma forma que a ciência mas com outras conotações ideológicas, divulga seus dogmas contribuindo para promover hierarquias entre o masculino e o feminino.

Uma breve análise da produção teórica dos Estudos de Gênero aponta que gênero e sexo sempre foram categorias muito próximas ou articuladas entre si. Particularmente penso o gênero como construção social da mesma forma que o sexo e nunca distinto dele. Não falo aqui de homens **ou** mulheres, de sexo de um lado e gênero de outro como opostos. Tampouco penso com Gaile Rubin<sup>3</sup> (1993) de que o sexo é a base sobre a qual se constrói o gênero. Mas penso em masculinidades e feminilidades como tudo aquilo que vivemos, experienciamos, sentimos, identificamos, simbolizamos, representamos como masculino e/ou feminino num determinado contexto sociocultural.

---

<sup>1</sup> Professora lotada no Departamento de Metodologia do Ensino/CED/UFSC. Doutoranda no PPGE da mesma instituição. Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa Educação, Corpo e Sociedade do CED/UFSC e do Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade – NIGS- do CFH/UFSC.

<sup>2</sup> Esse tema está desenvolvido em Miriam Grossi (1992) e em Pierre Bourdieu (1999).

<sup>3</sup> Apesar de reconhecer a importância do trabalho da autora e o significado do mesmo para o avanço do campo.

Essas afirmações estão baseadas em Laqueur (2001) quando esse autor, pautado por evidências históricas, destaca que "quase tudo que se queira *dizer* sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre o gênero" (Laqueur, 2001, p.23)

Diante disso, cabe ressaltar o clássico texto de Joan Scott (1995) como um contributo para elucidar que, quando se reflete em relação aos papéis femininos ou masculinos na sociedade – ou aspectos concernentes ao sistema relacional de gênero -, não se está colocando em oposição homens e mulheres, mas sim, aprofundando a necessidade de desconstruir a histórica supremacia do gênero masculino sobre o feminino, investindo na conquista de uma igualdade política e social. Esta autora instiga pensar no gênero como uma categoria essencial de análise histórica através da qual se reconhece que todo e qualquer fenômeno social possui intrinsecamente uma dimensão de gênero. Sendo assim, o conceito de gênero se apresenta no mesmo patamar que os conceitos de classe, raça/etnia e geração<sup>4</sup> quando o objetivo é a analisar a realidade.

Pensando em hierarquias e desigualdades, Scott chama a atenção para os aspectos em torno do poder ou poderes que emanam das relações e das construções simbólicas entre homens e mulheres em contextos sócio-culturais ou tempos, lugares e situações específicas. Isso porque há homens e mulheres, meninos e meninas plurais que vivenciam relações entre si e, através delas, experimentam e representam identidades, nada estanques, constituídas ao longo da vida e marcadas por diferenças e hierarquias que lhes conferem maior ou menor poder.

Vale destacar com isso que os Estudos de Gênero, quando amparados pela dimensão relacional que os mesmos engendram, não se circunscrevem somente às mulheres. Embora em sua fase inicial o gênero estivesse estritamente correlacionado ao termo "mulher", mais atualmente, os homens tem sido alvo de uma grande produção acadêmica, sobretudo porque as mudanças que ocorreram ao longo de alguns séculos no que concerne as representações sobre o feminino estão correlacionadas com grandes alterações nas visões acerca do masculino antes concebido como norma, ou padrão. Da mesma forma que pergunta-se *o que significa ser mulher?* pergunta-se *o que é ser homem?*

Quais seriam então as representações que as masculinidades e as feminilidades possuem no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?

Para problematizar o gênero no campo da Educação Física, Esporte e Lazer faz sentido colocar o corpo em foco, pois é de práticas corporais ou de corpos em movimento que se fala. Sem negar o corpo também como materialidade, cabe focalizar os processos e relações que tornam a Biologia a origem e explicação para as diferenças e desigualdades sociais. Nesse aspecto, tem sentido considerar que, se historicamente o corpo que era pensado a partir de seus papéis e funções distinguindo o masculino do feminino a partir da base biológica, mais atualmente, ele passa a ser representado como uma construção que é provisória e capaz de constantes mudanças objetivas e subjetivas, o que denota que o corpo não possui uma universalidade. Afirma Silvana Goellner (2003) que

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se

---

<sup>4</sup> Pensar em homens e mulheres adultos pode não ter os mesmos significados do que pensar em meninos e meninas, crianças ou adolescentes, pois há graus ou níveis de inserção social que se diferenciam entre uns/as e outros/as.

incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas...(p.20)

A Educação Física nasce para abarcar um conjunto de práticas corporais pertencentes a um mundo reconhecidamente masculino – virilidade, agilidade e força são "habilidades tipicamente masculinas" - concebidas a partir do isolamento do "sexo" como aparato biológico. Idéias de que os corpos das mulheres são desdobramentos mal elaborados ou incompletos do masculino e que, portanto, apresentam debilidades e fragilidades persistem ainda nos dias atuais e se expressam através de crenças também pautadas nas Ciências Biológicas de que a elas resta os "destinos da maternidade e do cuidado doméstico para com os filhos e filhas".

As estreitas relações entre - a Educação Física e o esporte - e a eugenia assim como para com o higienismo moldam essa disciplina a partir das características acima citadas, representadas simbolicamente como masculinas, mas problematizar tais relações não é tarefa fácil. Há um modelo de masculinidade a ser conquistado. Para que os homens tenham poder e acesso aos bens culturais e, inclusive, às práticas corporais e ao esporte, eles precisam ser brancos, heterossexuais, adultos e de classe média. Tal representação de força e poder reduz drasticamente o espaço de negros, pobres, crianças, homossexuais, subtraindo igualmente o espaço das mulheres quanto às práticas corporais, pois elas têm de ser preservadas em relação a saúde de seus órgãos reprodutivos objetivando uma maternidade sadia. Os esportes quando não contemplam as características do modelo de masculinidade socialmente imposto aos homens, tornam-se espetáculo.

Uma objeção a esta afirmação poderia ser apontada quando se constata que, em algumas práticas esportivas que acontecem em ambientes educacionais se identifica um esforço de alguns/as profissionais da área em "misturar" meninos e meninas e isso foi denominado co-educação e parecia, por um tempo o que tínhamos de "mais moderno e politicamente correto" do ponto de vista didático. No plano da intencionalidade estava claro que seria uma ótima saída para a Educação Física criticada por ser sexista e androcêntrica. No entanto, análises mais micro dessas práticas vêm mostrando que "misturar" os alunos e alunas não representa, de fato, permitir as trocas e/ou experiências mais amplas entre eles e elas porque, geralmente, não se problematiza as trajetórias<sup>5</sup> e identidades que uns/as e outros/as engendram e a forma como estas trajetórias e identidades se firmam, reafirmam ou sucumbem nos ambientes educacionais. Tampouco percebemos as trajetórias e identidades daqueles/as que estão organizando as práticas educacionais: os professores e professoras que estabelecem relações de poder e autoridade com alunos e alunas; com o corpo docente nos diferentes espaços da escola. Vale destacar que toda e qualquer atitude vivenciada nos ambientes educacionais está perpassada por gênero. Qual a visibilidade disso?

Nesse sentido, é possível afirmar que agregar meninos e meninas em turmas mistas não significou colocá-los, de fato, em relação, produzindo assim, práticas mais igualitárias. Numa disciplina como a Educação Física em que o êxito está vinculado à competição e ao masculino restou às meninas os cantos, a periferia do pátio e, aos meninos o espaço central com seus jogos e embates. Em sua positividade, parece que atitudes co-

---

<sup>5</sup> Nas trajetórias incluo também a gama de experiências, inclusive as corporais, que os sujeitos desenvolvem ao longo de sua vida. Não há dúvidas que tais experiências são perpassadas fortemente por aspectos de gênero. Conforme Sheila Scraton (1992) baseada nas teses de Iris Young, as meninas desenvolvem desde a infância a capacidade de proteger seus corpos e a ocupar um restrito espaço corporal limitando seus movimentos e experiências. Desenvolvem, com isso, uma "timidez corporal" em face das "in-corporações" que o mundo social impõe para que seja uma autêntica mulher.

educativas na Educação Física escolar contribuem para que as meninas e também alguns meninos considerados “diferentes” resistam a uma inculcação insana das formas convencionais de viver a masculinidade e a feminilidade.

No entanto, o que é mais comum no cenário cotidiano da escola é o congelamento dos corpos em tempos e espaços circunscritos culminando com a negação ao acesso de experiências de movimento que ampliem o repertório cultural dos sujeitos.

Pautada em uma determinada concepção de ciência que essencializa o corpo a partir dos aspectos biológicos, a história da Educação Física e dos esportes demonstra, de forma geral, que reafirmam-se as capacidades femininas como impróprias para sua inserção e acesso às práticas corporais e a diversidade de experiências de movimento. Nesse aspecto, a co-educação<sup>6</sup> exerce um efeito perverso. Não porque as mulheres continuaram em seu lugar de “naturalmente” incapazes ou inaptas, mas, sobretudo, porque muitas práticas ratificaram o sexismo tanto na escola como no esporte de competição, produzindo assim, consequências políticas e sociais.

Há tentativas “bem intencionadas” de alguns/as profissionais que se propõem a desenvolver as práticas corporais na escola tomando a co-educação como norte, percebe-se com elas a indignação e o desconforto de muitas meninas, porque se sentem “obrigadas” a permanecerem na atividade tendo em vista a exigência do professor ou professora. Da mesma forma, é notório o xingamento e o inconformismo dos meninos que não suportam a imobilidade das garotas, mas precisam “jogar junto” porque a autoridade assim o determina.

Observando um jogo de futebol<sup>7</sup> em aulas de Educação Física mistas em uma escola pública de Florianópolis, percebi a resistência das meninas em relação ao jogo e a dissimulação dos meninos que dominavam a técnica e a tática utilizada, deixando-as literalmente “de fora”. É bastante difícil conseguir que meninos e meninas “joguem juntos”, após toda uma trajetória que se desdobra desde a infância e leva a incorporação de representações herméticas sobre o masculino e o feminino. Talvez faça algum sentido um trabalho coletivo elaborado a partir das diferentes disciplinas escolares em que se problematize, de diversos ângulos e pontos-de-vista, as relações de gênero concebidas como construção social.

Diante disso, as trajetórias de meninos e meninas são importantes para que se possa compreender a Educação Física e os esportes nos ambientes educacionais<sup>8</sup>. As identidades masculinas e femininas são construídas através de relações de alteridade demarcadas por papéis de gênero assumidos de acordo com o que a sociedade determina para uns/as e outros/as, mesmo que isso aconteça com resistências. Como já afirmei, a Educação Física e os esportes parecem ter delimitado quais são os papéis que meninos e meninas, homens e mulheres podem representar, restando um espaço bastante reduzido para os/as “diferentes”.

No caso do esporte de competição e, para poderem ascender nesse campo, as mulheres que conseguem adentrar em algumas modalidades a elas “permitidas” precisam se masculinizar, utilizando-se de diferentes mecanismos como a ingestão exagerada de anabolizantes e do uso excessivo de exercícios com pesos na

---

<sup>6</sup> Um trabalho correlato interessante sobre a educação na França pode ser encontrado em Claude Zaidman (1994).

<sup>7</sup> O jogo desenvolvia-se no pátio da escola com uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental.

<sup>8</sup> Nesse aspecto a pesquisa de Alex Fraga (2000) denominada “Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada” é exemplar e evidencia a importância de compreendermos as trajetórias dos sujeitos pesquisados.

musculação a fim de adquirirem força no intuito de aproximar índices e marcas mais próximas daquelas que os homens possuem ou desenvolvem. É preciso deixar de ser "tão feminina" para ser "mais masculina"!

No que se refere ao lazer e, tendo em vista que o debate é difícil porque há várias tendências e concepções que estudam/pesquisam o tema<sup>9</sup>, uma forma de inserir a categoria gênero em sua análise seria através da observação de como se organizam eventos de lazer e para quem eles são direcionados. Creio que, de forma geral, o lazer está voltado para os "homens trabalhadores", aqueles que produzem a riqueza no espaço público, enquanto as mulheres supostamente se ocupam do espaço doméstico com suas tarefas envolvendo os cuidados da casa e dos filhos. Como essas tarefas não são consideradas "trabalho", parece-me que elas incorporam a "pedagogia da domesticidade" ignorando que possuem direito ao lazer, embora sejam donas-de-casa e, portanto, "trabalhadoras".

Para finalizar, uma forma de ampliar o debate e, talvez, estabelecer rupturas na pesquisa e nas práticas corporais que se desenvolvem no plano social – seja nos ambientes educacionais ou não – poderia ser a problematização das falsas dicotomias anteriormente levantadas: masculino/feminino; natureza/cultura; público/privado; razão/emoção; corpo/mente; atividade/passividade, pois elas dão a tônica das representações que o corpo e as práticas corporais possuem.

Quando se coloca o corpo e as práticas corporais em análise é perceptível que os dualismos se entrelaçam e/ou se sobrepõem num movimento constante. Portanto, feminilidades, masculinidades, sexualidades, homoerotismos, heteronormatividades, são construtos sociais em que o corpo é o vetor, mas esses fenômenos identitários têm nos passado invisíveis aos olhos e à produção na pesquisa. Do ponto de vista dos Estudos de Gênero, pensar nestas construções como relacionais constitui um dos desafios para a área.

Diante do exposto e, pensando nas pesquisas e nas práticas que se desenvolvem nos ambientes educacionais, a Educação Física pode assumir um papel importante quando problematiza permanentemente o corpo e os lugares, espaços, gestos, ações e sentimentos que meninos e meninas; homens e mulheres; professores e professoras, atletas e produzem nos contextos da vida social. Cabe desmistificar saberes, poderes, conhecimentos e situações socialmente construídas que impedem a inclusão daqueles/as que não são homens, brancos, heterossexuais, adultos e de classe média.

Garantir a igualdade de oportunidades a todos/as no que concerne às práticas corporais no âmbito da Educação Física, Educação Física e Lazer sintetiza uma certa dimensão política que a pesquisa e as práticas, nesse campo, podem contemplar .

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

FRAGA, Alex. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana. (orgs) *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

---

<sup>9</sup> Não haveria aqui espaço para debater tais tendências e concepções, mas é preciso considerá-las sempre que objetivamos analisar o lazer nas sociedades contemporâneas.

GROSSI, Miriam. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”: repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do/a pesquisador/a. In GROSSI, Miriam (org). *Trabalho de campo e subjetividade*. PPGAS/UFSC, 1992.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Recife: SOS corpo, mimeo, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, FAE: UFRGS, v 20, n.2., jul-dez, 1995. p. 71-100

SCRATON, Sheila. *Educación Física de las niñas: um enfoque feminista*. Espanha/Madrid: Morata, 1995

ZAIMAN, Claude. A administração escolar do regime misto na escola primária. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, nº especial, pp 349-357, 1994.